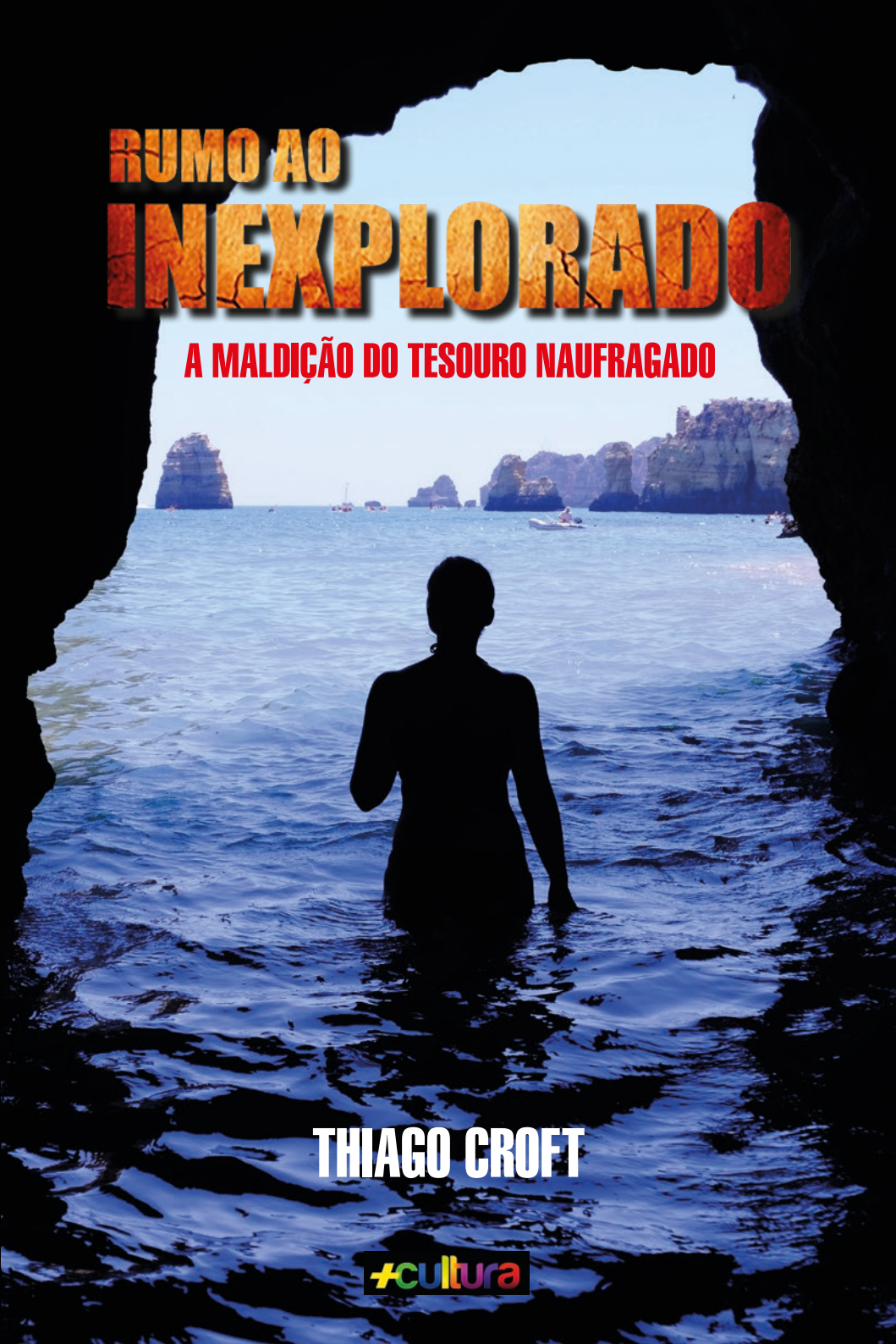

RUMO AO
INEXPLORADO
A MALDIÇÃO DO TESOURO NAUFRAGADO
THIAGO CROFT
+cultura


COLOMBIA
ECUADOR
VENEZUELA
BOLIVIA
ARGENTINA
Tropic of Capricorn
GALAPAGOS
NW
NE
E
W
SW
SE
S



THIAGO CROFT

# RUMO AO INEXPLORADO

## A MALDIÇÃO DO TESOURO NAUFRAGADO

+cultura

Rio de Janeiro • 2026

Texto 2026 © **Thiago Croft**

Edição 2026 © **Editora MaisCultura**

Produção Editorial | **Vanderlei Sadrack**

Preparação e Revisão de Texto | **Flor de Letras** (Claudia Gouvêa)

Projeto Gráfico | **ArtePlus**

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Croft, Thiago,
A maldição do tesouro naufragado / Thiago Croft . - Rio de Janeiro, RJ : Editora MaisCultura, 2026.

ISBN 978-65-986738-6-4

1. Tesouro - Literatura. I. Literatura brasileira. III. Título.

22-129825 CDD: 028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Tesouro : Literatura 028.5
2. Tesouro : Literatura brasileira 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EDITORA MAISCULTURA
Tel.: (21) 98376-5293
www.editoramaiscultura.com

*A Morte, que da vida o nó desata,*
*os nós, que dá o Amor, cortar quisera*
*na Ausência, que é contr' ele espada fera,*
*e co Tempo, que tudo desbarata.*

*Duas contrárias, que üa a outra mata,*
*a Morte contra o Amor ajunta e altera:*
*üa é Razão contra a Fortuna austera,*
*outra, contra a Razão, Fortuna ingrata.*

*Mas mostre a sua imperial potência*
*a Morte em apartar dum corpo a alma,*
*duas num corpo o Amor ajunte e una;*

*porque assi leve triunfante a palma,*
*Amor da Morte, apesar da Ausência,*
*do Tempo, da Razão e da Fortuna.*

**Luís Vaz de Camões**

*"Animum fortuna sequatur"*[1]
**Sir Thomas Cavendish**

[1] Que a fortuna siga a coragem.

## Agradeço a:

Juliana Lopes. Por dicas sobre medicina e saúde.

Marconi "Kbessa" Costa. Por dicas de artes marciais.

Pedro Coutinho, por me alertar sobre a Lei do Achado do Tesouro.

Renata Guimarães. Por me ensinar a evitar usar termos gordofóbicos.

Claudia Sardinha e Pedro Vieira, que se dispuseram a ler e fazer comentários precisos sobre possíveis ajustes de texto e narrativa.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são ficcionais, por mais que se mesclem com realizações verídicas. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

**VOCÊ EXISTE E É VALIOSO, ENCONTRE AJUDA.**

Ligue 188

**Centro de Valorização da Vida**

Disponível 24 horas por telefone e no seguinte horário por chat:
Dom - 17h à 01h, Seg a Qui - 09h à 01h, Sex - 15h às 23h, Sáb - 16h à 01h



**Prólogo** ..... 10

## I - Negação

1. Em família ..... 14
2. Homens mortos não falam ..... 35
3. Tesouros naufragados ..... 53
4. Mergulhando em águas perigosas ..... 76
5. Sem honra entre ladrões ..... 86

## II - Raiva

6. Assalto ..... 96
7. Um banho quente e alguns drinques ..... 108
8. O Castelo da Torre ..... 121

## III - Barganha

9. Ilha da Trindade ..... 134
10. O Triângulo das Bermudas brasileiro ..... 143

11. A colônia perdida ..... 161
12. A maldição da morte ..... 175

## IV - Depressão

13. Encarcerados ..... 190
14. Vagalhão ..... 201
15. O fim de uma lenda ..... 213
16. Funeral ..... 224

## V - Aceitação

17. Sobre rodas e trilhos ..... 238
18. O trem dos condenados ..... 253
19. A Tumba Perdida de Xolthac ..... 267
20. Uma triste descoberta ..... 290

## Epílogo ..... 300



# *"O naufragio de nossos sonhos"*

## Em algum lugar da costa brasileira. 6 de setembro de 1726.

— Como... como isso é possível? — gaguejou um dos marujos.

Ele olhava assustado para o convés do galeão de guerra português Santa Rosa indo pelos ares em uma violenta explosão, mesmo tendo vencido incontáveis perigos pelos mares do mundo. Ao mesmo tempo, o marujo tentava se agarrar a detritos flutuantes para não naufragar junto à força que arrastava tudo para o fundo do mar.

Enquanto tentavam sobreviver, os marujos ainda se lembravam de que as coisas já não estavam indo bem desde o início daquela incursão da frota portuguesa. Ela levou dois meses e meio com carga e descarga em Salvador, para daí partir, três meses após sua chegada. A carga consistia em vinte e sete mil rolos de tabaco, treze mil caixas de açúcar, que por si só já valeriam uma fortuna na Europa. Contava também com vinte mil peças de couro, milhares de cocos e um grande número de baús de jacarandá que continham cerca de dez toneladas de moedas de ouro, bem

como ouro em pó e em barras, e ainda diversos diamantes e pedras preciosas. Essa fortuna foi dividida entre duas embarcações, o Santa Rosa levava seis toneladas e meia de carga valiosa.

À medida que naufragavam, alguns marujos tentavam se agarrar a partes do Santa Rosa que ainda flutuavam, no entanto, os escombros e a força das águas os jogavam de um lado para o outro e os desafiavam ao máximo por sua sobrevivência. Seus membros estavam doloridos, a cãibra atrapalhava na natação e ainda havia o perigo à espreita — tubarões que, pouco a pouco, se aproximavam para o banquete.

Os marujos também se lembravam do temporal que haviam enfrentado dias antes. O que causou a divisão da frota em dois grupos. Perseguidos em alto mar pela forte chuva e com raios e trovões rasgando os céus.

O motivo real do naufrágio ainda é incerto. Sabe-se que o paiol explodiu, mas as histórias se diferem sobre como isso ocorreu. Os sobreviventes lembram vagamente de terem visto o capitão em uma acalorada discussão com o comandante do regimento português a bordo do Santa Rosa. Após as Aves Marias, algum *gajo* desceu até o paiol de munição e ateou fogo em dezenas de barris de pólvora. Pelo tamanho do Santa Rosa, havia algo entre 70 e 200 toneis.

— Por que alguém em sã consciência faria aquilo? — essa pergunta martelava a cabeça dos últimos sobreviventes que sofriam de inanição, delirando enquanto boiavam já praticamente sem esperanças.

Dos mais de setecentos homens, mulheres e crianças a bordo, duas dúzias haviam se livrado do naufrágio, a maior parte acabou se afogando ou foi devorada por tubarões.

Restando somente sete homens que foram resgatados no dia seguinte e chegaram a Lisboa em 17 de novembro. Contudo, desses sete, três concluíram a viagem com vida.

***

O naufrágio do Santa Rosa não foi o primeiro e nem seria o último a perecer com tesouros milionários nas profundezas dos mares brasileiros. Durante o tempo em que era colonizado, o Brasil foi invadido diversas vezes por piratas que assolavam a costa procurando por refúgio, saqueando vilas e igrejas ou escondendo suas fortunas em ilhas paradisíacas e em locais remotos.

Um dos piratas mais famosos no Brasil foi Thomas Cavendish, que seguiu os passos de Fernão de Magalhães e Francis Drake, dando a volta ao mundo e acumulando tesouros pan-americanos diversos. Cavendish se instalou por algum tempo em Ilhabela, no litoral norte de São Paulo, onde as lendas contam que ele escondeu o seu grandioso tesouro. Muitos procuraram a fortuna, mas ninguém jamais encontrou uma moeda sequer.

A febre do ouro atrai cada vez mais caçadores de tesouros. Todos falharam, muitos enlouqueceram... a maioria que ainda insiste, continua frustrada e falida, pois nada encontram além de pistas falsas ou becos sem saída. Os que morreram, levaram para o túmulo qualquer segredo ou pista que tivessem encontrado.

Se existe algum tesouro naufragado, ou este não quer ser encontrado, ou exige algum sacrifício ou oferenda, que muitos pagam com a própria vida.

# I
# Negação



*"A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais."*

Epicuro de Samos



# 1
# EM FAMÍLIA

*Isso é impossível.*

Beatriz Andrade não conseguia acreditar no que estava presenciando. O seu pai e a sua mãe estavam sendo brutalmente devorados por uma aranha gigante. Momentos antes, ela e seus pais haviam sido perseguidos pelo aracnídeo do tamanho de uma van pelo tráfego do centro do Rio de Janeiro num fim de tarde que tinha o céu brilhante em intenso laranja, sobre o asfalto liso e escuro. Nas laterais, carros eram empurrados conforme as oito longas patas avançavam às pressas. Quando finalmente Bia conseguiu ganhar distância da criatura, seus pais foram abocanhados pelas suas poderosas mandíbulas, que os agarraram, devorando-os de uma única vez.

O grito mudo de desespero de Bia fez com que tudo rodopiasse em um caleidoscópio de cores vívidas e vibrantes, sons metalizados distorcidos e enjoo parecendo que o coração lhe saltaria pela boca. A cena diante de Beatriz muda completamente. Seus pais e a aranha desaparecem e ela agora está no convés de uma grande embarcação durante a noite. Subitamente ela ouve um estampido e percebe que provinha de um disparo que acertou em cheio

a cabeça de seu amigo Giovanni de Luca, que teve a cabeça explodida como se esta fosse uma melancia. Antes que Bia pudesse verter em lágrimas pelo velho amigo, tentáculos saíam de dentro da cabeça estourada.

## Copacabana, Rio de Janeiro. Brasil
## 19 de fevereiro de 2007, segunda-feira de Carnaval.

Beatriz acorda do pesadelo encharcada de suor, com os cabelos castanho-escuros ondulados colados na testa, têmporas e nuca. Ela arregala os olhos do mesmo tom dos cabelos, que nesse instante brilhavam refletindo a luz que invadia o cômodo pelas frestas da persiana da janela do quarto. A pele cor de canela estava ensopada, fazendo com que o blusão de malha do Guns N' Roses, que usava como pijama, colasse ao seu corpo delineando sua forma esbelta. O coração estava acelerado, parecia que sairia pela boca a qualquer instante. Da mesma forma, a respiração ofegante a trazia de volta ao seu apartamento no Rio de Janeiro.

Bia estende a mão para o celular na mesinha e checa as horas, eram 4h30 da manhã, o sol ainda não havia nascido. Depois daquele pesadelo, ela não consegue mais dormir. Ela respira fundo e se levanta para começar a ajeitar as suas coisas. Seria melhor treinar e aproveitar o tempo que teria pela frente, já que voltar a dormir não era mais uma opção.

O quarto dela era amplo, com uma cama de casal, guarda-roupas; nas paredes, algumas medalhas da época de sua juventude quando o sonho de ser atleta olímpica ainda existia e arqueologia nem passava pela sua cabeça.

Já vestida com trajes esportivos, ela vai até a sala que era integrada com a minúscula cozinha. Bebeu um grande copo d'água, além de pegar um cantil cheio para levar consigo. O que mais chamava atenção no recinto era a infinidade de livros, tanto de literatura, quanto pesquisas acadêmicas, havia um pequeno acervo bibliográfico em diferentes idiomas, além de dicionários variados e uma de suas mais recentes aquisições, um *Moleskine* com informações sigilosas que sofreu um perrengue para conseguir.

Pegou as chaves sobre o aparador, os óculos escuros e o capacete de ciclista. Antes de sair, olhou na parede e viu os seus diplomas de graduação da Universidade Columbia emoldurados: um em arqueologia e o outro em museologia. Sorriu lembrando-se dos pais que faleceram durante a ditadura militar, mas que, com certeza, estariam orgulhosos da mulher que ela havia se tornado. Havia ali ainda diplomas de pós-graduação, mestrado e doutorado, todos igualmente importantes.

Já na garagem do prédio, pega sua bicicleta de corrida e sai empurrando. Cumprimenta o porteiro com um "bom dia" tímido, sobe na bike, coloca os fones de ouvido e aperta o play. Após isso, segue pedalando pelas ruas quase vazias de Copacabana ao som de '*Uma Brasileira*', *dos Paralamas do Sucesso.*

As ruas estariam vazias se não fossem pelos famosos bloquinhos de carnaval cheios de foliões da noite anterior que ainda tomavam diferentes ruas transversais enquanto Bia passava pedalando. Mas ela ignorou todos e apenas tinha atenção para a música em seus fones de ouvido.

Ela segue de bicicleta até o Forte de Copacabana e a prende numa grade com o cadeado, o fone e o celular

estavam na bolsinha da bicicleta, também trancada com cadeado. No horizonte, acima do mar, o sol começava a nascer, tingindo o céu em um misto de cores vibrantes. Beatriz mergulha e faz a travessia a nado até o Forte do Leme, a água gelada do mar lhe dava forças. De lá, ela retorna correndo pela ciclovia e monta novamente na bicicleta, seguindo pedalando até Ipanema, passa pelo Leblon e pela Gávea, para então pedalar pela Lagoa Rodrigo de Freitas até Botafogo, onde segue pelo Aterro do Flamengo até o Aeroporto Santos Dumont. Refaz todo o trajeto do aterro, e seguindo pelo Leme, Bia volta para casa, em Copacabana.

Ao descer da bicicleta com a respiração ofegante, ela pega o telefone e consulta o tempo total do percurso.

*Que droga! Meu tempo diminuiu bastante desde o incidente na Amazônia.*

Não houve tempo para maiores reclamações, pois seu celular começou a tocar.

Era Giovanni.

— Oi Giggio, aconteceu alguma coisa? — perguntou ela, afinal eram 7h30 de uma segunda-feira de carnaval.

Ao passo que falava, guiava a bicicleta a pé para dentro da garagem de seu prédio.

A voz do outro lado da linha não era de Giovanni, mas de outro homem, que despejou, de uma só vez, uma enxurrada de informações que Bia não conseguiu entender.

— Calma, o que aconteceu? Fala mais devagar... — pediu ela.

E novamente a chuva de palavras rápidas, nervosas e tropeçando umas às outras, que ela entendeu que teria alguma relação com a mãe de Giovanni e com Itália.

— O que houve com a dona Domênica? — Bia começara a se preocupar. Estava no elevador e retornava ao

apartamento.

Finalmente o homem conseguiu falar com mais calma:

— A mãe do Giovanni acabou de falecer, ele vai para a Itália; pediu que te ligasse...

— Diz para o Giggio que estou indo para aí agora. — disse ela o cortando. Já dentro do apartamento, estava buscando o que precisaria para ir até a Barra da Tijuca, na casa do amigo.

Tomou um banho rápido, vestiu-se, passou a mão na mochila pequena com os seus documentos e no elevador já pedia um táxi.

No caminho, solicitou a cotação de passagens aéreas para a Itália com uma amiga que sempre cotava para ela, assim de última hora. Mas estava tudo muito caro e com conexões horríveis. Preferiu aguardar chegar para definir tudo com Giovanni.

O apartamento de Giggio ficava em um condomínio de luxo de frente para a praia da Barra, com uma sala muito ampla e vista privilegiada para o mar. Bia tinha uma cópia da chave e entrou direto, atravessando até o quarto.

O rapaz que estava com Giovanni durante o recebimento da notícia aguardou até que Beatriz chegasse. Um homem magro, na casa dos trinta e de barba por fazer, vestia-se de modo formal, terno e gravata. Ao ver Beatriz, deu um sorriso sem graça e, ainda mais sem jeito, se despediu de Giovanni, pondo a mão no ombro dele, que ainda não saíra da cama.

— Tchau, viu. — disse ele com a voz rouca, completamente embaraçado.

— Pode ir... — começou Bia dando-se conta de que não fazia ideia do nome dele.

— Rodrigo. — ele apertou a mão de Beatriz em tom

cordial. — Satisfação.

— Satisfação, Rodrigo. — respondeu a moça. — Obrigada por tudo. Pode deixar que eu fico com ele.

Após isso, ele saiu sem dizer mais nada.

Beatriz apenas sentou-se ao lado do amigo na beirada da cama e, primeiro, o observou procurando as palavras que poderia dizer.

*É o mínimo que você pode fazer: ele estava lá quando você precisou.*

Giovanni é um homem de cinquenta e dois anos que jamais admitirá ter a idade que tem, também pudera, já que ele aparenta ter pelo menos dez anos a menos. Tinha os cabelos castanhos claros quase loiros e músculos definidos graças à vida militar e à atividade física constante.

Sem saber o que dizer, ela apenas o abraçou. E como se ele esperasse por aquilo, jogou-se ao colo dela e desatou a chorar.

O Giovanni abraçado ao colo de Bia mal se reconhecia se comparado com o da fotografia emoldurada na parede acima deles, retrato de treze anos antes, de quando ele foi destaque em um carro alegórico na Sapucaí durante o Carnaval, o qual representou o sol. Era como Giovanni se portava, o centro das atenções, loiro, vívido e cheio de luz. *Um típico leonino*, seus amigos adoravam lembrá-lo dissoEl.

A manhã passou. À tarde, Beatriz pediu almoço, e o dia logo começou a anoitecer.

— Meu irmão enviou passagens aéreas — disse ele, após tantas horas em silêncio.

Eles estavam sentados na varanda, almoçaram e ficaram ali observando o mar de azul vibrante.

— Ah, eu cheguei a olhar mais cedo... — começou Bia,

mas Giggio a cortou em tom educado.

— Ele mandou uma para você também. — Finalmente esboçou um sorriso frágil, porém sincero.

— Ele não tem jeito... — comentou Beatriz.

— Você sabe, não seria ele, se não fosse assim. — concluiu Giovanni.

Após terminar de falar, ele se levantou e foi até o closet. Giggio possuía coleções de roupas, sapatos, chapéus e uma variedade de abotoaduras de paletós e gravatas.

*Duvido que ele consiga usar isso tudo em um ano.*

Bia se surpreendia sempre que via a quantidade de roupas do amigo.

Com calma, ele começou a escolher roupas e colocar sobre a cama para fazer as malas. Beatriz notou nas peças pesadas e grossas.

*Verdade! Aqui é verão, lá é inverno…*

Giovanni se lembrou dos dois, no ano anterior:

*Puxa, vida! E pensar que há um ano estávamos caçando tesouros naufragados em Arraial do Cabo…*

## Ilha do Cabo Frio, Arraial do Cabo. Rio de Janeiro. 02 de fevereiro de 2006.

Desde que Beatriz se lembre, Giovanni de Luca sempre insistiu que fossem atrás da parte não recuperada do tesouro naufragado da Thetis. Ele dizia que era "dinheiro fácil" para eles. Após muito tempo negando, Bia finalmente realizou o mergulho na Enseada dos Ingleses em Arraial do Cabo com o amigo e juntos nadaram por entre o que restou dos destroços, alcançando então uma caverna que

os levou a um bolsão de ar. Não havia nenhuma luz, exceto pelas das lanternas que levavam.

Ao retirarem os equipamentos de mergulho e caminharem um pouco pelo túnel cavernoso, se depararam com um resistente portão de ferro forjado e com motivos de caveira em alto relevo, ao centro de oito hastes retorcidas que partiam do centro para as bordas, como uma rosa dos ventos, envolta por correntes e emoldurada com intrincados elementos arabescos metálicos.

Apenas se ouvia o eco provocado por eles mesmos e da água do mar batendo contra a abertura da gruta. O local era extremamente úmido e o chão repleto de corais, era um sinal de que parte dele ficava coberto por água quando a maré estava alta.

— Eu não posso acreditar. — confessou Bia.

— Pois acredite. — rebateu o amigo. — Seremos ricos!

Beatriz Andrade estava na metade da casa dos trinta anos e tem a pele cor de canela, cabelos e olhos castanhos, além de um corpo atlético de quem pratica atividade física com regularidade. Já Giggio, é um cinquentão alto, de cabelos e olhos castanhos claros, quase loiro cortado à moda militar, uma herança de seu passado no exército. Possui uma cicatriz recente na lateral da cabeça do tiro que quase o matou. Os dois iniciaram uma grande amizade desde a época da infância de Beatriz, que após se tornar órfã na adolescência, teve Giovanni como melhor amigo e tutor desde então.

— Não tem fechadura aparente. — matutou Beatriz avaliando a estrutura metálica. — E não vejo sinal de nenhuma alavanca...

— Isso é claramente uma porta. — resmungou Giovanni. — Toda porta tem uma fechadura, só não a achamos ainda.

Passaram algum tempo matutando o que seria aquilo e como abrir, pois era claramente uma porta que bloqueava o corredor cavernoso. Conferindo dentre os equipamentos levados, Giovanni retira um pequeno maçarico e o prepara para iniciar o arrombamento do portão. Beatriz está com um mau pressentimento, sente um calafrio percorrer a sua coluna, mas acredita se tratar apenas de ansiedade, afinal, aquilo ainda era uma descoberta arqueológica, embora com procedência extremamente duvidosa, obviamente na ilegalidade. Teria sérios problemas burocráticos futuros, ela tinha certeza.

Ao concluir o trabalho, Giovanni olha sorridente para a amiga, em seguida, força o portão para que caia para trás. Mas ele não se move. Ao invés disso, subitamente, alguns dardos são disparados através de reentrâncias antes ocultas no próprio portão, como se algo ou alguém disparasse por detrás dele.

— Mas que merda! — bradou o homem tendo o ombro, uma das coxas e o flanco cortados de raspão pelas setas. — Essa foi por poooouco...

Giggio e Bia se jogam no chão para desviar dos projéteis, mas logo sentem que algo abaixo deles está cedendo e um alçapão oculto se abre. Os dois despencam direto, pois a pedra está molhada e lisa, coberta por limo escorregadio. Cortam os pés ao atingirem o fundo em algumas conchas e corais. O fosso não era tão profundo, mas a escalada seria difícil e com a cheia da maré, seriam afogados ou muito certamente lhes causaria hipotermia se não saíssem dali.

— Giggio, me ajuda aqui. — pediu Bia. — Me dá um pezinho.

Como estavam em dois, o processo de subida foi mais

fácil e com o auxílio de uma corda, Beatriz fez com que Giovanni voltasse ao corredor de frente para a porta, que agora estava entreaberta.

— Abriu. — foi tudo o que ele disse antes de empurrar a porta.

O portão com motivo de caveira dava acesso a uma alcova surpreendentemente seca, totalmente escavada em pedra bruta. Nela, havia uma arca e uma cama com uma mesinha de cabeceira. Não havia sinal de que algo ali tivesse sido usado pelos últimos duzentos anos, ou talvez um pouco mais. Entre comida estragada, água salobra e mudas de roupas do século XIX, acharam algumas moedas de prata e ouro, nada que valesse o tesouro prometido, mas já era alguma coisa. Porém o que mais aguçou a curiosidade dos dois aventureiros foi terem achado um baú contendo um disco sólido de cifra feito de cobre, cujo diâmetro era do tamanho da mão de Giovanni.

Os dois direcionaram as luzes das lanternas maravilhados com aquela descoberta.

*Seria aquilo uma pista para o verdadeiro tesouro?*

Ao mesmo tempo que observavam, faziam notas mentais da complexidade do dispositivo. O disco contava com três aros concêntricos, cada um deles divididos em vinte e seis compartimentos com números, letras e desenhos. Da borda para o centro, o aro externo iniciava no número 1 e em sentido horário, seguia até o número 26. A área central repetia a volta, dessa vez com as letras do alfabeto de A a Z e ao centro, vinte e seis figuras náuticas, muitas delas associadas a piratas. Em uma análise rápida, os dois identificaram um sabre, uma ilha, um barril, diversas caveiras em variadas formas e motivos, uma garrafa, um

gancho, uma âncora, um trabuco... E ao centro do disco, uma nau semelhante às da época das Grandes Navegações.

— Ótimo... — ralhou Bia — Outro disco! — em alusão ao Disco Solar da Amazônia.

— Isso é um decodificador pirata. — falou Giggio soltando um riso juvenil. — Meu irmão e eu brincávamos com um desses feito de papelão quando éramos crianças.

— Ah, que bonitinho. — caçoou Bia. — Vai dizer que usavam tapa-olho também? — não esperando que o amigo respondesse, emendou ela: — Vamos dar o fora daqui.

Giggio ainda estava maravilhado com a descoberta. Juntaram o que tinha valor, real ou histórico, em suas mochilas. Se equiparam novamente com os pés-de-pato e cilindros de oxigênio para nadar de volta à superfície, nadaram até o barco e retornaram à pousada.

Beatriz aproveitou para fazer contato com Melissa Herédia por e-mail. A amiga se recuperava de uma cirurgia na Tailândia. Bia também passou algum tempo no telefone com outro amigo, André Martins, um dos maiores linguistas, senão o maior em todo o mundo, que ela conhecia, colocando-o a par da nova descoberta.

Enquanto isso, Giovanni passou horas conversando com o seu irmão Vincenzo, que morava na Itália com a mãe e a avó. Contou-lhe da novidade sobre o decodificador encontrado, deixando-o obviamente maravilhado.

Pelo resto do ano buscaram pistas sobre pirataria e naufrágios ao longo da costa brasileira, ficando impressionados com a quantidade de navios carregando cargas valiosas que se perderam e jamais foram recuperadas. Mas as informações eram extremamente escassas, pois durante o tempo em que Portugal colonizou o país, sofreu

diversos ataques de piratas, logo, qualquer menção ou registro, foram feitos muito vagamente pelos portugueses através da igreja católica na época, ao passo que os registros mais profundos e completos estavam em posse dos países comandantes dos corsários: Holanda, França e Inglaterra, e tão logo se perderam nas brumas do tempo.

É aqui que entra o trabalho de um bom arqueólogo.

•

Após montar duas malas enormes, além da bagagem de mão e de uma mochila, Giovanni finalmente se deu por satisfeito. Qualquer outra pessoa poderia pensar que ele estaria fugindo para a casa da mãe ou que passaria meses fora, mas Bia sabia que, segundo ele, era 'apenas o básico', como o amigo sempre retrucava quando ela dizia que ele estava levando coisas demais.

— E o pessoal? André, Melissa... tem falado com eles? — Giggio puxou assunto tentando não pensar na perda que sofrera.

— André foi chamado no mês passado para uma escavação no México. — respondeu Bia, orgulhosa do amigo, PhD em línguas originárias pan-americanas. — Já a Mel anda sumida. Da última vez que falamos, ela comentou que havia destrancado a matrícula na faculdade.

— Ah, é mesmo? — Giggio perguntou genuinamente interessado, mas não podia deixar de debochar: — Ela está fazendo o quê, Ciência Política?

— Jornalismo. — respondeu Bia ignorando a comparação do curso com a fama de Mel de boa ladra.

— Lembra você? — Giggio sorriu ao recuperar uma lembrança boa. — Ainda menor de idade querendo fazer

arqueologia. Eu igual um doido buscando onde pudesse estudar.

— E lá fui eu para os Estados Unidos. — a moça também sorriu com a recordação. — O que eu poderia fazer? O primeiro curso de arqueologia do Brasil só foi inaugurado efetivamente há três anos. Já que a graduação de 1975 não se sustentou por nem um ano.

— E você não satisfeita com uma, fez duas de uma vez. Museologia também, né? — a pergunta era retórica, pois Giggio sabia exatamente as graduações que Beatriz havia feito. — E ainda em tempo recorde! Você sempre teve essa sede por conhecimento.

Beatriz sorriu, contente por ver o amigo recuperar o bom humor.

— Olha, eu vou precisar buscar algumas coisinhas também, né? — afirmou ela.

— Passamos na sua casa e seguimos direto para o Galeão. — respondeu ele indicando o aeroporto internacional da cidade.

Para sorte dos dois, Bia fazia as malas em segundos, além da prática por anos viajando, levava apenas o essencial mesmo. Caso contrário, teriam perdido o voo das dez da noite. Chegaram a Paris no início da tarde, para uma escala de uma hora e meia. Aproveitaram para fazer uma refeição decente e no final da tarde chegaram a Florença sob o entardecer precoce do inverno. O choque climático foi pior que o fuso horário. A temperatura despencou de escaldantes 37°C para gélidos 9°C. Seguiram dali de carro por algumas horas, chegando finalmente a Riomaggiore, na Ligúria.

# Riomaggiore, Ligúria. Itália. 21 de Fevereiro de 2007.

Riomaggiore é uma região de La Spezia que juntamente com outras quatro comunas, formam as Cinque Terre espremidas entre o Mar da Ligúria e uma íngreme cordilheira. Quando vista do mar, Riomaggiore é um elevado de casinhas coloridas sobrepostas umas sobre as outras, terminando em um rochedo e em seguida, pelo mar. Já por dentro, um tobogã de ruas estreitas sobem e descem entrecortadas por vielas e becos ainda mais delgados.

Giovanni finalmente estaciona dizendo:

— Chegamos. O restante vai ter que ser a pé.

Beatriz Andrade olhava ao redor ao mesmo tempo que Giovanni contornava o carro para pegar as malas do bagageiro. Era uma noite escura, fria e totalmente sem estrelas. Ventava forte e o cheiro da maresia chegava anunciando a proximidade com o mar. Bia vestia um casaco forrado, luvas de couro e suas botinas tradicionais. Já Giggio vestia um jaquetão de couro e um chapéu fedora desgastado pelo tempo.

De repente ouviram o ronco de um motor e viram a luz do farol que se aproximava. Era Vincenzo de Luca que chegava em uma vespa, icônica *scooter* italiana do pós-guerra, um ícone de duas rodas que se tornou objeto de desejo entre muitos jovens. O irmão era apenas três anos mais novo que Giggio, a pele com um bronzeado dourado do último verão, barba por fazer loira quase ruiva, cabelo bagunçado ao vento no mesmo tom da barba. Ele ao mesmo tempo que parecia muito Giovanni, era o seu oposto. Um

era a ordem, o outro era o caos. Vincenzo vestia uma camisa sem mangas com estampa colorida, jeans e mocassim, ignorando totalmente o frio noturno que fazia.

— *Ciao Gianni*, *Beatrice! Sii benvenuti.* — disse o risonho Vincenzo lhes dando as boas vindas em italiano.

— Vincenzo não fala português? — perguntou Bia apenas curiosa, pois tanto ela, quanto Giovanni, falavam italiano fluentemente.

— Claro que fala, isso é onda! Nasceu em Porto Real e quer pagar de gringo. — respondeu Giggio zombando do irmão caçula que nascera no interior do Rio de Janeiro.

— Deixa eu te dar um abraço, *mio fratello*. — Vincenzo chamou o irmão, desmontando da vespa.

Os dois se abraçam por um longo tempo. Bia respeitosamente apenas aguardou. A imagem dos dois juntos lhe fazia lembrar ao mesmo tempo de Harrison Ford como Indiana Jones e Tom Selleck em Magnum, como também dos irmãos esquilos Tico e Teco e os Defensores da Lei, três produções dos anos 1980. Ela não riu em respeito ao luto dos irmãos, mas se lembraria disso para implicar com eles em algum momento mais oportuno.

Vincenzo possuía inúmeras tatuagens nos braços, mãos e pescoço que Bia tinha alguma noção de seus significados. Giovanni havia comentado tempos atrás que no passado o irmão esteve envolvido com a máfia italiana, até foi preso algumas vezes, mas parece que finalmente tomou um rumo decente na vida.

— Bia, quanto tempo. — disse ele abraçando a moça que lhe retribuiu o abraço.

— Enzo, como vai? — tratou-o de forma carinhosa, chamando-lhe pelo apelido também.

Após as trocas de mesuras, os três passam algum tempo se olhando. Bia sente um calafrio e os dois irmãos voltam ao estado lúgubre por alguns instantes, quando Vincenzo volta a falar:

— *Andiamo*! Vai fazer um frio dos infernos. Podem deixar que peço aos meninos que busquem as malas para vocês.

E sem dizer mais nada, seguiu andando pela viela puxando o celular do bolso, os dois sem entender direito, deixaram as malas onde estavam, apenas trancando o carro e seguiram atrás dele em uma caminhada não muito longa até a casa da família Luca.

— A *nonna* já foi dormir, amanhã poderão vê-la. — informou o irmão caçula. — Bia tem um quarto para você aqui, a bagagem já vai chegar, enviei uma mensagem aos meninos pedindo para que trouxessem para cá.

— *Grazie*, Enzo. — agradeceu ela.

— Gianni, vou beber em honra a *mamma*, me acompanha? — perguntou o caçula.

— *Limoncello*? — inquiriu o primogênito.

— A preferida da *mamma*. — respondeu Enzo.

— E a sua também, vamos. Vamos homenageá-la. — concluiu Giggio.

Um som de relógio carrilhão assustou Beatriz com as badaladas da meia-noite.

— Já é tarde. Vai dormir que amanhã será um novo dia. — falou Giovanni para Beatriz.

— Tem certeza que não precisa que eu fique com vocês? — perguntou ela.

— Não, não precisa. — respondeu Giggio. — Meu irmão e eu faremos isso. Obrigado, boa noite.

— Boa noite. — concluiu ela.

— *Buona notte.* — despediu-se Vincenzo seguindo para a capela.

Beatriz seguiu para o quarto indicado, neste momento um dos meninos que Vincenzo informou, chegou carregando os malões de Giggio e a bagagem dela.

— *Grazie*. — agradeceu ela entregando um trocado de euro para ele, que saiu sorridente.

O quarto era simples, mas confortável. A cortina balançava desenfreada pelo vento e Bia teve que fechá-la. Mal fechou a janela, a chuva desabou. Era meado de inverno na Itália e a primavera começava a dar as caras.

Logo que Bia se deitou caiu no sono, estava exausta e nem imaginava o quanto. Não teve sonhos, acordando com a luz plácida do sol sobre o rosto na manhã seguinte. Abriu a janela e respirou fundo sentindo o ar puro e frio da manhã invadir os seus pulmões. Não havia mais sinal de chuva, além das poças no chão e som de goteira das calhas. O céu estava azul e com poucas nuvens brancas.

Se trocou e desceu, encontrou a matriarca Giuseppina, uma senhora de noventa anos, passando o café na típica cafeteira italiana. O cheiro do café e do pão recém assado fez o estômago de Beatriz roncar.

— *Buongiorno ragazza, hai dormito bene?* — perguntou a idosa se Beatriz havia dormido bem.

— *Buongiorno signora, beníssima. Grazie*. — Confirmou e agradeceu ela. — Giggio e Enzo?

— *Sono ancora nella cappella.* — ela indicou que eles ainda estavam na capela e pediu que os chamasse: — *Potrebbe chiamarli per me, per favore?*

Beatriz sorriu e confirmou com um aceno com a cabeça, indo chamar os irmãos Luca.

Ao adentrar, Beatriz chegou a um pequeno cômodo com uma mesa e sobre ele estava o caixão. Ao lado deste, os dois jaziam dormindo completamente bêbados, Bia vira pelo menos três garrafas de *limoncello* caídas vazias próximas deles. O altar tinha a imagem da Virgem Maria e um crucifixo. Ela também sentiu cheiro de incensos junto ao de velas e outras essências que não soube identificar imediatamente.

Beatriz Andrade se aproximou para prestar a sua homenagem.

Dona Domênica tinha as mãos unidas sobre o peito segurando um terço de madeira. Vestia um manto branco e os cabelos grisalhos estavam escovados. Tinha um semblante sereno, tinha ido em paz. Próximo da boca tinha algum tipo de resíduo, um pó ou fuligem escura. Bia olhou para os lados e espanou com as mãos, não seria uma poeirinha qualquer que macularia a imagem da mãe de seu amigo.

— Alguém anotou a placa? — com um resmungo, Vincenzo acordou.

Sendo seguido por Giovanni que apenas soltou um grunhido:

— Eu não tenho mais idade para isso...

— Vocês estão fedendo. — avisou Beatriz. — Lavem-se rápido e venham tomar café, a *nonna* pediu que eu os chamasse.

Os dois prontamente se levantam, dando uma bambeada, mas conseguem se apoiar e ir para o quarto. Não demorou muito e retornaram apresentáveis, cada um dando um beijo na testa da *nonna* Giuseppina.

Após o café, Giovanni puxa Beatriz e sussurra com ela:

— Eu conversei com a minha mãe.

Bia não entendeu nada, ele devia estar delirando.

— Eu bebi tanto que caí bêbado como um gambá, e então sonhei com ela. — explicou ele, deixando-a mais tranquila. — Ela veio se despedir, disse que sentia orgulho de mim e pediu-me que cuidasse do Enzo.

Subitamente Bia se pegou pensando na história da imigração italiana e ficou com isso na cabeça durante todo o enterro que se seguiu:

A família Luca partiu para o Rio de Janeiro em 1925, quarenta e cinco anos após o início da imigração italiana no Brasil. O censo indicou um crescimento exponencial de italianos ao longo de quarenta anos na Cidade Maravilhosa, tendo o bairro de Santa Teresa o escolhido como local de moradia, ficando conhecido como Calábria Carioca. Já Porto Real, ficou marcada como a primeira colônia italiana do Brasil. Uma vez que o próprio Dom Pedro II fomentou o crescimento da produção de cana-de-açúcar na região. Os italianos concentraram-se ainda entre Petrópolis e Nova Friburgo, região serrana do estado, sendo Petrópolis com a maior concentração de imigrantes do interior fluminense. E é lá que acontece uma das maiores festas italianas do estado: a Serra Serata.

No tempo em que voltavam do enterro, Beatriz ouviu pessoas comentando rumores sobre possíveis ladrões de sepulturas. Algo com corpos desaparecendo e reaparecendo mais tarde boiando misteriosamente no mar. "*Estão recebendo o chamado dos mares*", diziam os populares. Achou tudo muito estranho, mas não foi a fundo naquilo.

Uma semana se passou desde o funeral de dona Domênica e o retorno ao Brasil seria naquela noite. Durante todo esse tempo, passaram felizes relembrando

histórias de família e aproveitaram para tirar pequenas férias. Até que o assunto do tesouro da Thetis e do disco de cifra finalmente veio à tona:

— E aquele disco, trouxeram ele com vocês? — perguntou Enzo descontraidamente.

Os dois amigos se olharam sem entender de imediato, mas logo a lembrança veio.

— Não, deixei em casa. — respondeu Giggio. — Não vi motivo para trazê-lo.

Os três estavam passeando pelas cidadezinhas de Cinque Terre e agora voltavam, neste momento o trem passava por Vernazza.

— E se eu dissesse que pode existir uma relação entre alguns naufrágios e que o disco de cifra pode ser a chave para solucioná-los? — Vincenzo fazia um tom enigmático quase professoral.

— O que você está aprontando, Enzo? — inquiriu Giovanni.

— Nossa infância inteira buscamos por tesouros assim, Gianni. Lembra? — empolgou-se Enzo. — Sabemos de cor uma lista inteira de navios e de seus possíveis locais de naufrágios.

— Nesse caso, não vejo motivos para o disco ser a solução. — pontuou Beatriz cirurgicamente. — Até porque o disco tem centenas de anos, alguns naufrágios antecedem a ele e outros o sucedem em séculos. Como isso ajudaria?

— Vejam bem, eu tenho um encontro marcado na próxima segunda-feira com a única empresa de recuperações marítimas do Brasil com autorização legal da Marinha para operar. — revelou Vincenzo.

— Você voltará conosco para o Brasil? — perguntou

Giovanni com um misto de surpresa e empolgação.

— Vou sim. — respondeu ele. — Podemos ir os três falar com os caras, tudo legalizado... — disse ele ao ver o olhar suspeito de Beatriz. — Tudo do bom e do melhor numa busca pelos sete mares...

— Calma aí, Jack Sparrow. — Beatriz o puxou de volta à realidade. — Do que você está falando?

O trem parou na estação de Riomaggiore, e os três desceram.

— Vamos que no caminho eu conto tudo. — chamou Enzo com um sorriso maroto no rosto.

Ao anoitecer, chegaram ao Aeroporto Internacional Cristovão Colombo, em Gênova. Eles não perceberam, mas um carro os seguiu por alguns dias enquanto passeavam e foi atrás deles também até o aeroporto.

Continua...

**O MAR GUARDA SEGREDOS E ALGUNS DEVERIAM PERMANECER NAS PROFUNDEZAS.**

Prepare-se para mergulhar em uma aventura repleta de mistérios, descobertas e perigos!

PEÇA AGORA O SEU!

Para acompanhar as novidades sobre esta saga, e outras obras do autor Thiago Croft e da Editora, basta seguir nossas redes sociais:


@thiagocroftescritor


@thiagocroftescritor


@editoramaiscultura


@editoramaiscultura

Para ainda mais conteúdo, incluindo resenhas de outras obras do autor, acesse direto o site através do QR code abaixo.

**Editora MaisCultura**
Tel.: (21) 98376-5293
www.editoramaiscultura.com